



## Trajetórias de um trabalho coletivo

Luiz Carlos Pais<sup>1</sup>

Esta edição especial da nossa querida revista Perspectivas da Educação Matemática permite vivenciar um momento de profunda satisfação pelos resultados alcançados nos últimos anos. Diante de tantas adversidades impostas aos educadores brasileiros de modo geral, é preciso fazer uma pequena pausa de reflexão para reconhecer e valorizar a importância da nossa arte coletiva, e da maneira como aprendemos a inventar os labirintos de resistência. Antes de tudo, é a conquista de um trabalho coletivo, nascido do empenho compartilhado por todos os participantes do programa. Se por um lado, existem as diferenças teóricas e metodológicas, sempre saudáveis para fomentar a renovação das ideias e renovar os ares acadêmicos, por outro, os artigos mostram a existência de sólidas convergências através dos grupos de pesquisa. Além do mais, é possível constatar a existência de um importante traço comum, quase identitário, predominante no conjunto dos textos componentes desta edição, que diz respeito ao trabalho coletivo.

Os autores mostram o poder mágico de transformar competências individuais em produção de equipe, de renovar ações e caminhos pessoais para se tornar prática compartilhada. Diferentes abordagens teóricas aparecem no conjunto das produções e que, de certo modo, expressam o pensamento que, pouco a pouco, se consolida. Nesse sentido, a ideia do coletivo está presente em diferentes estratos do que tem sido feito, nos últimos anos.

Pouco importa o tamanho ou a amplitude de um coletivo de trabalho. A princípio, nascem as convergências pessoais, nutridas pela precedência da subjetividade, que, pouco a pouco, se tornam em fluxos mais intensos de parceria e objetividade. O grande grupo, organizado como programa no plano administrativo da universidade, sustenta-se sobre as linhas de pesquisas, parcerias que nascem entre as equipes de pesquisa e de estudo. Não

---

<sup>1</sup> Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e colaborador informal do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da mesma instituição. E-mail: [luiz60pais@gmail.com](mailto:luiz60pais@gmail.com)

tenhamos ilusão do quanto é desafiante o diálogo ou a troca estabelecida através de dois ou mais logus. Dificuldades sempre houveram nesse domínio, quer seja no exercício da docência ou na consolidação de um projeto dessa natureza, mas esta síntese editorial pretende, hoje, comemorar os dez anos de existência do Programa Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

As sementes lançadas germinaram com a colaboração de todos, que souberam exercer o marcante traço da docência, através do diálogo e das constantes frentes de articulação: estudar, pesquisar, escrever, ouvir, corrigir, retornar, debater, ensinar, entre tantas outras conexões inerentes ao trabalho do professor e do pesquisador. São coisas que não cabem na formalidade de nenhuma frase ou abordagem teórica. Como educadores matemáticos, não há como negar o peso histórico das tradições positivistas ou, pelo menos, da tentativa ilusória de impor a experiência da objetivação. Por outro, como seres humanos estamos mergulhados na imponderável experiência da subjetivação. Assim, esses dois grandes movimentos aparentemente contraditórios – subjetivação e objetivação – e os conflitos inerentes deles decorrentes estão na base da própria Educação Matemática, como área de pesquisa, e da consolidação de um grande projeto como é a consolidação de um programa de pós-graduação.

Depois de 10 anos, não há como deixar de lembrar de momentos marcantes, quando cada um do grande coletivo fez tudo o que foi possível, e um pouco mais, para o programa poder avançar. Hoje, o coletivo continua abrindo sucessivas clareiras de esperança. Valeu a pena o esforço conjugado por orientadores, pós-graduandos e parceiros, na vasta produção de artigos, relatórios, livros e de mais de uma centena de dissertações defendidas e das primeiras teses que começam a circular com a identidade sul-mato-grossense.

Vários congressos foram realizados, cursos inovadores foram ministrados com a inserção de novas teorias que arejaram os ares iniciais, abriram novas portas. Livros, artigos e teses foram publicados, os seminários regulares já têm uma trajetória a ser contada, com a visita regular de pesquisadores de outros programas do Brasil e de outros países. Devemos ainda destacar a importância dos grupos de pesquisa, como espaço diferenciado para congregar esforços em torno de questões comuns. Tema esse que aparece em quase todos os trabalhos apresentados nesta edição.

Ao falar algumas palavras sobre os artigos componentes desta edição, percorrendo os caminhos teóricos escolhidos pelos seus autores, estamos mostrando os grandes traços do nosso programa institucional. Revela o domínio das motivações internas aos grupos de

estudo, quando cada um vivencia os movimentos simultâneos de fazer sujeito do coletivo e contribuir para a objetividade de suas realizações. Em cada trabalho, percebe-se que num dado momento, todas as energias são concentradas para tirar da virtualidade sonhada a realização de um grande projeto.

A ideia inicial que presidiu a concepção dessa edição foi reunir trabalhos do corpo docente do programa, expressando os caminhos trilhados nos últimos anos, para conquistar, passo a passo, a consolidação renovada a cada dia. Cada autor mostra a maneira como tem pensado e praticado a pesquisa no campo da Educação Matemática, sempre lembrando que tudo acontece em função do momento e dos problemas tratados por cada pesquisador, seja orientador ou pós-graduando.

Muito mais do que escrever sobre teorias e conceituais ou caminhos percorridos, os autores revelam a maneira como têm sido superados os desafios de elaboração de um grande projeto social e científico, como revela a produção coletiva. Desse modo, a publicação favorece o diálogo com outras formas de tratar a educação matemática. A concretização desse tipo de desvelamento sempre é difícil e, até mesmo impossível, em certo sentido, quando se trata de mostrar um pouco de sua própria identidade, visando compor o panorama maior que nos aproxima como componentes do programa.

Com certeza, depois de 10 anos de inserção no campo, existe uma respeitável trajetória que se mostra por si mesma, caminhando sobre suas próprias pernas, que se faz presente em diferentes cenários do país. Os trabalhos revelam a existência de algumas convergências temáticas, passando pela formação de professores, práticas e saberes escolares, questões curriculares, aspectos históricos e utilização de recursos tecnológicos digitais na educação escolar. Uma diversidade de olhares revela-se ainda em face dos quadros teóricos praticados pelos pesquisadores.

Está em curso o desafio da internacionalização do programa, com a visita regular de pesquisadores de outros países, bem como com a participação de seus membros em congressos internacionais. Persiste ainda o desafio de receber estudantes vindos de outros países, principalmente, de cultura latino-americana, não somente devido às políticas de colaboração, mas, sobretudo, para que possamos trocar experiências com as realidades próprias das fronteiras da região. Do ponto de vista educacional e da formação inicial para pesquisa, uma das metas previstas para os pós-graduandos nada parece ser mais saudável do que zelar por essa multiplicidade de escolhas teóricas.

No artigo intitulado “Currículo e Educação Matemática: a política cultural como potencializadora de pesquisas”, Márcio Antônio da Silva faz uma síntese epistemológica e conceitual das pesquisas e dos projetos do Grupo de Pesquisas Currículo e Educação Matemática, mostrando os avanços conquistados em oito anos de atividade do referido coletivo sob sua direção. Do ponto de vista mais específico da temática, valorizada pelo grupo, o autor aborda debates atuais que relacionam questões de currículo e discurso. Aprofunda o recorte da política cultural, articulando conceitos como discurso, poder, política e cultura, utilizados na análise dos currículos de matemática.

Thiago Donda, autor do artigo “Mecanismos do Poder Disciplinar na Escola: alguns apontamentos”, inicia seu trabalho com amplas considerações sobre uma obra do filósofo francês Michel Foucault, “Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, publicada originalmente em 1975, lembrando aos leitores que a mesma apresenta um estudo sobre o que denomina “mudanças nas formas de poder ocorridas no ocidente, a partir do século XVII”. Trata-se de um ensaio elaborado com o objetivo de fazer uma revisão teórica, pontuando questões referentes à educação matemática e destacando o que chama de “mecanismos do poder disciplinar usados no ambiente escolar”.

O artigo de Claudia Carreira da Rosa, “Modelagem Matemática e Formação de Professores: um diálogo entre ensinar e aprender”, apresenta um estudo conceitual e metodológico, de pesquisas que tratam da modelagem matemática no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, fazendo um recorte dos trabalhos que tratam da formação de professores de matemática e com questões relativas à aprendizagem em matemática. A essência conceitual da modelagem é concebida como uma estratégia pedagógica que seleciona problemas da realidade imediata, relacionados aos conteúdos matemáticos, o que supostamente os tornaria mais próximos da objetividade do mundo concreto.

Suely Scherer, no artigo “A Abordagem Construcionista e o uso de Tecnologias Digitais em Aulas de Matemática: um diálogo sobre pesquisas desenvolvidas no GETECMAT”, apresenta as diretrizes de pesquisas realizadas nos últimos anos, pelo Grupo de Estudos de Tecnologia e Educação Matemática. São pesquisas relacionadas ao uso de tecnologias digitais na educação matemática, considerando especificidades da formação de professores. A autora trata da pertinência da abordagem construcionista na elaboração do conhecimento com o uso de recursos computacionais. O foco principal do trabalho é propor



um diálogo sobre as pesquisas realizadas e refletir sobre os procedimentos adotados no grupo de estudo, discutindo temáticas investigadas e que possam motivar a realização de novos trabalhos.

No artigo “Universo Social e Atividade do Sujeito na Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Pública”, Neusa Maria Marques de Souza propõe reflexões que têm como foco a compreensão de desafios da pós-graduação, lembrando que “a consciência profissional e de identidade dos sujeitos da ação, que são os atores principais em atividade neste complexo sistema de relações, assume o papel fundamental.” Nessa linha de entendimento, a autora toma como fundamento a teoria histórico-cultural, explorando conceitos propostos por Vigotski e da teoria da atividade, estruturada por Leontiev. Com base nesse referencial, considera aspectos específicos da universidade pública brasileira no campo da pós-graduação.

Klinger Teodoro Ciríaco, no artigo “Quando dividir torna-se somar em Educação Matemática: notas sobre contribuições de grupos colaborativos ao desenvolvimento profissional de professores iniciantes” levanta argumentos sobre a contribuição de grupos colaborativos na trajetória da formação de professores. A opção do autor é tratar da especificidade do período diferenciado da iniciação à docência. Com esse propósito destaca autores que dialogam em torno das noções de colaboração, colegialidade e do processo de constituir-se professor. A abordagem metodológica formalizada no texto valoriza a dinâmica do trabalho colaborativo, focalizando mais pontualmente as ações do grupo e dos princípios norteadores da prática pedagógica.

Edilene Simões Costa dos Santos, no artigo “O Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar: algumas ações” propõe uma reflexão sobre a trajetória de estudo e pesquisa do grupo mencionado no título do trabalho, focalizando os avanços conquistados nos últimos anos. Trata-se de valorizar, no quadro das ações do referido grupo, a construção de uma temática a respeito de aspectos históricos no campo educacional de instituições do Estado de Mato Grosso do Sul. Para atingir essa finalidade maior, a autora destaca três grandes dimensões que entrelaçam elementos históricos, epistemológicos e didáticos, tomando como referência a história cultural.

Thiago Pedro Pinto, no artigo “É preciso descristalizar a Matemática”, propõe um debate sobre questões e movimentos de pesquisa, que se mostraram relevantes em sua própria trajetória de pesquisador e nos estudos realizados pelo Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP). O viés teórico da abordagem proposta repousa sobre

aspectos éticos na pesquisa, tomando como referência noções propostas pelo filósofo Ludwig Wittgenstein e o que chama de uma proposta de compreensão empática do mundo. O texto propõe ainda uma consistente ilustração de trabalhos realizados na linha priorizada como referencial teórico.

No artigo “Tecnologias Digitais e Educação Matemática: relações possíveis, possibilidades futuras”, Aparecida Santana de Souza Chiari apresenta uma discussão sobre a utilização de recursos tecnológicos digitais em educação matemática. O debate é proposto a partir de uma concepção ampla a respeito da própria noção de tecnologia, focalizando as especificidades das chamadas tecnologias digitais. A análise dessas grandes categorias de interesse para a pesquisa em educação matemática é conduzida de modo articulado com o destaque de aspectos associados à comunicação, à produção de materiais didáticos e da própria produção de conhecimentos. O texto propõe ainda uma maneira de levar o aluno a desempenhar um papel mais ativo no estudo escolar.

No artigo “Grupo de trabalho como espaço formações - ou: arte de produzir efeitos sem causa”, João Ricardo Viola dos Santos discute a temática dos grupos de trabalho, como espaço diferenciado de formação do educador. O autor destaca trajetórias de vivência com a temática do trabalho em grupo e propõe um diálogo entre as chamadas comunidades de prática e comunidades investigativas. Um destaque especial é dado ao modelo dos campos semânticos, o qual é tomado como principal referência para mostrar a abordagem proposta pelo autor. Na parte final do artigo transparecem elementos de uma consistente proposta de trabalho coletivo, em parceria com professores de matemática, compartilhando o ideal de inventar em partilhas (...) sem julgar, legitimar ou mesmo prescrever.

Para finalizar, no texto de minha autoria, “Ensaio sobre Questões de Método na Pesquisa em Educação Matemática”, a intenção foi tratar de um dos desafios atuais da Educação Matemática, concebida principalmente como campo de pesquisa e de prática de ensino, focalizando questões de método e de escolhas que o pesquisador é levado a fazer no diálogo com a comunidade científica. Não há uma separação absoluta entre pesquisa e estudo, porque ambas estão relacionadas ao problema da elaboração do conhecimento. As reflexões apresentadas estão voltadas para a pesquisa acadêmica, tomando como referência os desafios de orientação de trabalhos na pós-graduação.